



**UNIVERSIDADE “PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS” – UNIPAC
CAMPUS I
CURSO DE GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE – BACHARELADO**

AMÉRICO LUCIANO NASCIMENTO DA SILVA

**A REORDENAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO A PARTIR DA
ATUAÇÃO DE UMA EMPRESA GLOBAL: O CASO DA ARACRUZ
CELULOSE**

**BARBACENA
2011**



**UNIVERSIDADE “PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS” – UNIPAC
CAMPUS I
CURSO DE GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE – BACHARELADO**

Américo Luciano Nascimento da Silva

**A reordenação do espaço geográfico a partir da atuação de uma empresa
global: o caso da Aracruz Celulose**

Monografia submetida ao Corpo docente do
programa de Bacharel em geografia e Meio
Ambiente as Universidade Presidente Antonio
Carlos - UNIPAC como parte da
exigência para obtenção do título de Bacharel
em geografia e Meio Ambiente.

Aprovado por:

Orientador Prof. Renato Kenpp Duarte

Prof. Bernardino Neves Junior

Prof. André Luiz do Nascimento

BARBACENA, MG- Brasil dezembro 2011

A todos os amigos e familiares que
compartilharam comigo e me incentivaram a
conquistar meus sonhos.

Agradeço o meu Orientador Prof. Renato Kenpp Duarte, que tanto me apoiou na realização deste trabalho.

RESUMO

Este estudo bibliográfico propõe a estudar como a empresa Aracruz Celulose pode influenciar na reordenação do espaço geográfico a partir da atuação de uma empresa global como o caso da Aracruz Celulose. A empresa Aracruz Celulose fornece a exploração de madeira para a fabricação de móveis, bem como sua utilização de lenha ou para produção do carvão vegetal, papéis para várias modalidades e utilidades. Fazendo uma breve crítica a essa prática por meio da análise de alguns impactos negativos causados por essa cultura, tanto no âmbito econômico, como no social e também no cultural. Apresentaremos o que diz a empresa Aracruz celulose que explora a madeira de eucalipto para os diversos usos citados, dando a oportunidade de se analisar e tirar suas próprias conclusões sobre o estudo, não se esquecendo, porém que a nossa opinião tende mais para um lado crítico de tal atividade. E descrever o uso do termo “deserto verde” para designar as grandes plantações do eucalipto, suas implicações e possíveis impactos ambientais.

PALAVRA CHAVE: Monocultura, Eucalipto, Aracruz Celulose, Reordenação, Deserto verde.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	07
1. MONOCUTURA DO EUCALIPTO-----	08
2. A EMPRESA ARACRUZ-----	12
3. IMPACTOS AMBIENTAIS E O DESERTO VERDE-----	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	23
5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA-----	24

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma breve análise da monocultura em larga escala de eucalipto, uma prática que vêm se tornando cada vez mais freqüente em nosso país, dada que a rentabilidade dessa prática é altamente lucrativa, principalmente para as grandes empresas que atuam no setor de produção de celulose, exploração da madeira para a fabricação de móveis, bem como sua utilização como lenha ou para produção do carvão vegetal.

Buscamos também fazer uma breve crítica a essa prática por meio da análise de alguns impactos negativos causados por essa cultura, tanto no âmbito econômico, como no social e também no cultural.

Ainda tentamos descrever o que dizem as empresas que exploram a madeira para os diversos usos citados, dando a oportunidade de se analisar e tirar suas próprias conclusões sobre o estudo, não se esquecendo, porém que a nossa opinião tende mais para o lado da crítica negativa de tal atividade.

Vamos também, tentar analisar o porquê do uso do termo “deserto verde” para designar as grandes plantações do eucalipto, suas implicações, possíveis problemas causados e o porquê esse termo tem sido cada vez utilizado com mais freqüência, principalmente pela nossa mídia.

1. MONOCUTURA DO EUCALIPTO

O eucalipto tem origem Austrália e na Indonésia, sua principal fonte e a produção de papel tendo a celulose do eucalipto como matéria-prima. Seu gênero vem do *Eucalyptus*, que possui mais de 600 espécies diferentes. No território brasileiro, o eucalipto encontrou ótimas condições para o seu crescimento e desenvolvimento com alto índice de produtividade.

Na produção massiva do eucalipto teve início em 1957. A utilização da produção de papéis para impressão e escrever, guardanapos, papel higiênico entre outros tipos de papéis. O plantio florestal do eucalipto possui uma importância na produção e no desenvolvimento sócio e no alto índice de lucratividade para o Brasil (ANDRADE, 2001).

A implantação da produção de celulose de eucalipto tornou-se significativa no início da década de 70, em Portugal. Desde então, a celulose de pinho dominava o mercado. As primeiras plantas que chegaram ao Brasil foram em 1825 como plantas ornamentais no Jardim Botânico-RJ, mas em 1868 esta espécie começou se espelhar para produção de lenha e formação de barreiras no Rio Grande do Sul. Nos primeiros anos do século XX o silvicultor Edmundo Navarro de Andrade se interessou pelo o cultivo da planta (CADERNOS IHU, 1995).

A celulose no começo era vista como fibra secundária originada do eucalipto, de menor valor. Passando assim gradativamente a ser muito requisitada pela indústria papeleira, devido a sua função de características únicas da fibra, que garantia a produção de papéis devida a sua alta capacidade, maciez e ótima absorção. (MEIRLLES, 2006).

A celulose é um elemento estrutural da célula vegetal, existindo, portanto em todos os gêneros e espécies florestais, mas o eucalipto apresenta melhor desempenho para a produção industrial. Sendo múltipla fonte de carvão vegetal para gerar energia e de madeira sólida usada em móveis, pisos, revestimentos e outras aplicações na construção civil (CADERNOS IHU, 1995).

Essa árvore produz o maior volume de madeira por unidade de superfície, em ciclo curto. A celulose de eucalipto transformou o Brasil de importador para exportador do produto. O país hoje é o maior produtor mundial

de celulose de eucalipto. Destinado à produção de móveis e design de interiores, sendo comercializado no Brasil e no exterior (ANDRADE, 2001).

Segundo dados da Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas (ABRAF). As florestas plantadas de eucalipto cobrem 4,5 milhões de hectares do território brasileiro. Sendo que o total de 1,8 milhões de hectare de cultivo é para as indústrias de celulose.

A plantação de eucalipto para produção de celulose e exploração de madeira em larga escala. Uma pratica do setor econômico altamente lucrativo principalmente sua pratica de implantação possui um custo baixo e os seus lucros são altíssimos para as grandes indústrias (MEIRLLES, 2006).

Os cientistas promoveram o plantio de arvores para o abastecimento das caldeiras das locomotivas da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro-SP (ANDRADE, 2001).

Segundo Antonio Silvio Hendges (2005) gestor ambiental, a mecanização avançada possui pouca mão-de-obra e mesmo assim mão-de-obra qualificada. Devido à produção ser em larga escala para entrar no mercado de produção de celulose e no mercado de moveis. E principalmente na utilização excessiva de água. Deixando bem claro que a necessidade de mão-de-obra qualificada para o médio e o pequeno produtor fazendo que o produtor rural saia do seu local onde as técnicas da agricultura passaram de geração para geração mostrando para ele que a vida na cidade e bem melhor que no campo ocorrendo o EXÔDO RURAL.

A produção em cada lugar é o motor do processo, porque transforma as relações do todo e cria novas vinculações entre as áreas. Distribuído no território ao sabor do trabalho morto, isto é, dos lugares já organizados para um dada produção, o trabalho vivo organiza-se sob novas formas de produção e circulação, e desse modo uma nova divisão territorial do trabalho se impõe à preexistente.(O Brasil Território e sociedade no inicio do sec. XXI, Milton SANTOS & Maria Laura SILVEIRA, p.30,2008).

Uma nomenclatura herdada pelos ambientalistas para nomear a plantação de monocultura (grandes extensões de terras produtoras um ou mais produtos) do eucalipto, devido aos impactos que a produção dessa cultura

provocando uma modificação na estrutura social e cultural do local devido à implantação dessa plantação de eucalipto. Segundo a definição Plant Systematics Eucalyptus (Myrtaceae) citado no artigo de Antonio Silvio Hendges gestor ambiental (ANDARADE, 2001).

O sistema agroflorestal da cultura da soja com eucalipto, sob a hipótese que o cultivo da leguminosa levaria a uma diminuição do custo com o controle de plantas daninhas na área e gera um retorno financeiro mais precoce, como afirma Raitane (1978). Percebendo assim que a soja suprimiu as plantas daninhas sem afetar a sobrevivência e o crescimento do eucalipto (HENDGES, 2005).

Os progressos da ciência e da técnica e à circulação acelerada de informação, geram-se as condições materiais e imateriais para aumentar a especialização do trabalho nos lugares. Cada ponto do território modernizado é chamado a oferecer aptidões específicas à produção. É uma nova divisão territorial, fundada na ocupação de áreas até então periféricas e na remodelação de regiões já ocupadas (MILTON, 2008).

Considerando hoje uma espécie das invasoras devido à sua capacidade para implantar rapidamente nos habitantes de qualquer clima de uma determinada região que substitui a vegetação nativa. Uma exploração que esta acabando com tantos campos, florestas pelo seu ganho altamente lucrativo no mercado externo. Provocando assim um aceleração de devastação de matas nativas para a monocultura. As grandes empresas não são todas, mas a maior parte delas juntos com os grandes latifundiários não costumam conservar e preservar as matas ciliares em torno dos lagos e rios e as áreas de preservação permanente tanto em nascentes quanto em topos de morros. Começaram a preservar depois que o código Florestal entrou em vigor. (MEIRLLES, 2004).

Alguns especialistas acreditam e defendem a plantação de eucalipto em grande escala devido ser uma planta que o seu desenvolvimento de crescimento é muito rápido e auxiliam na absorção do CO₂ e diminuindo assim o aquecimento global e ajuda a preservar as espécies nativas e equilibrar o clima (ANDRADE, 2001).

No Brasil, o eucalipto leva aproximadamente sete anos até ser colhido e requer poucas ações do homem sobre o solo. Pode ser cultivado em terrenos

de baixa fertilidade natural, embora não tolere solos rasos e excesso de água. Além disso, não exige muitos nutrientes e defensivos agrícolas em comparação com outras culturas (MEIRELLES, 2006).

Nas áreas manejadas, a espécie não causa impactos para a água do solo, pois suas raízes permanecem distantes do lençol freático. Nas florestas plantadas de eucalipto, a água da chuva chega com mais intensidade ao solo do que nas matas tropicais. Essas são mais densas e retêm maior volume de água nas copas das árvores, aumentando a perda de água pela evaporação, antes de a chuva atingir o solo (ANDRADE, 2001).

As décadas de investimento em pesquisa e melhoramento genético levaram o aumento da produtividade das florestas plantadas, que produzem cada vez mais madeira na mesma área cultivada.

Especialização da atividade produtiva: esse problema se deve ao fato de o cultivo de grandes áreas de eucalipto serem dedicadas somente à monocultura e altamente especializada, gerando um grande desemprego em algumas regiões, que chegam até mesmo a perderem suas características culturais, como por exemplo, cita PEREIRA (2006) em um artigo sobre o cultivo de monoculturas na região sul do Rio Grande do Sul, onde cita que: o avanço da monocultura de eucalipto na metade sul do Rio Grande do Sul deve gerar a ruptura de duas tradições produtivas: a pecuária, realizada principalmente nos latifúndios, e a produção da agricultura de subsistência, realizada nos interstícios das grandes propriedades.

Esse problema pode acabar por gerar um grande impacto social naquela região, que tem como uma das características peculiares a perpetuação de sua cultura, contando inclusive com centros especializados nessa atividade, como por exemplo, os CTG's (Centro de Tradição Gaúcha). Quando se analisam dados referentes ao emprego de mão-de-obra na plantação de eucaliptos, comparando-a com outros ramos de atividades, chega-se a uma enorme diferenciação. Por exemplo, enquanto para se gerar um emprego no setor de comércios no Brasil, em 2006, são gastos cerca de US\$ 30.000,00, um emprego no cultivo do eucalipto pode chegar a

exigir um investimento de até US\$ 3,75 milhões, pela indústria VERACEL. Essa disparidade causa grande indignação por parte de organizações não-governamentais que lutam por direitos trabalhistas, ainda mais quando se é levado em conta a atual situação do emprego no Brasil e a grande diferenciação na qual vivemos. (impactos da monocultura de Eucalipto, PEREIRA, p.11, 2006).

2. A EMPRESA ARACRUZ

Segundo Milton (2008) ao falarmos de ordem espacial referindo ao espaço do seu uso no setor empresarial. Em todo momento da história tende a produzir sua ordem espacial, que associa a uma ordem econômica e a uma ordem social. É necessária entendermos a realidade a partir de forças que, frequentemente, não são visíveis a olho nu, mas proporciona um desenvolvimento estrutural gigantesco.

Cada empresa, cada ramo da produção produz, paralelamente, uma lógica territorial. Como já vimos, esta é visível por meio do que se pode considerar uma topologia, isto é, a distribuição no território dos pontos de interesse para a operação dessa empresa. Esses pontos de interesse ultrapassam o âmbito da própria firma para se projetar sobre as empresas fornecedoras, ou compradoras, ou distribuidoras. (O Brasil Território e sociedade no início do séc. XXI, Milton SANTOS & Maria Laura SILVEIRA, p.292, 2008).

Segundo Andrade (2001) a empresa brasileira Aracruz Celulose S.A. que possui sua sede no município de Aracruz, no Espírito Santo. Tornou-se uma grande empresa global devido a sua fundição com a empresa VCP, produzido então 24% de celulose branqueada de eucalipto.

Segundo Nunes (2007) a empresa Aracruz Celulose é notoriamente, uma empresa marcada por uma série de confrontos sócio-ambientais. Desde os anos 90, a empresa vem enfrentando no âmbito ambiental, a polêmica gerada em torno das monoculturas do eucalipto. A maioria das dúvidas, preocupações e críticas à cultura do eucalipto partem de ONGs envolvidas com

essa questão. Alguns destes grupos têm denunciado publicamente os impactos negativos no meio ambiente causados por culturas extensivas de eucalipto.

O principal alvo dessas organizações são os consumidores de celulose, especialmente da Europa e dos Estados Unidos que são pressionados para que não comprem de produtores que usam tais fontes de matéria-prima. Além dos impactos mais visíveis provocados pela manufatura de celulose, os ambientalistas reivindicam respostas aos danos ecossistêmicos derivados das plantações de eucalipto.

Diante das críticas e polêmicas geradas pelo seu tipo de atividade, a Aracruz mudou radicalmente sua postura *low profile* adotada no passado. A empresa em diversos momentos optou por ficar à margem dos debates, apenas respondendo quando solicitada. Ao longo dos acontecimentos, a empresa percebeu que essa estratégia gerava desconfiança e criava uma imagem fechada e arrogante (ANDRADE, p.09 2011).

A partir de meados nos anos 90, a Aracruz passou então a adotar uma orientação pró-ativa, ao invés de reativa, em sua comunicação. A análise dos relatórios de sustentabilidade da empresa, desde o ano de 1993, mostra uma crescente preocupação e mudança na sua postura. Nesse ano, a empresa já começava a se deparar com demandas por celulosas do tipo ECF (Elemental Chlorine Free) e TCF (Total Chlorine Free) por parte dos consumidores europeus e iniciou os ajustes de seus processos de produção de forma a atender seus clientes (ANDRADE, 2001).

A Aracruz nessa época ainda não contava com projetos próprios de cunho ambiental: limitava-se a conceder apoio a programas já existentes e com credibilidade como o Projeto TAMAR, o Projeto Sagüi e o Programa Horto Florestal, o que de uma forma geral não agregava valor significativo a sua imagem. O ano de 1995 constitui um divisor de águas na política social da empresa. A empresa muda sua estratégia e decide concentrar seus recursos a apoio social em projetos de educação, preservação ambiental e desenvolvimento comunitário criados por ela própria e/ou através de parceria com órgãos públicos e ONGs locais (NUNES, 2007).

O Relatório de Sustentabilidade de 2002 já demonstra uma mudança radical na postura da companhia, que começa a contemplar uma nova seção

sobre governança corporativa, descrevendo as responsabilidades e políticas associadas aos processos de gestão sócio-ambiental da empresa. Foram criados comitês de diversas naturezas a fim de gerenciar melhor o relacionamento da empresa com seus *stakeholders*. Como exemplo observa-se a criação da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, do Comitê Interno de Biossegurança, do Comitê de Atendimento a Clientes e de Manejo Florestal. Sua política de conduta passa a expor termos como “Relacionamento Ético e Transparente com as partes interessadas”, demonstrando o interesse da empresa em ser reconhecida como uma organização socialmente responsável (ANDRADE, 2011).

Segundo dados da Aracruz, sua contribuição ao desempenho sócio-econômico dos estados do Espírito Santo e Bahia no período 1989-2002 foi da ordem de US\$ 9,4 bilhões. A respeito dos cortes de madeira ilegais, a empresa garante que seu suprimento é feito através de fontes legais e que possui um sistema de rastreamento do fornecimento de seu insumo. A empresa utiliza somente madeira de eucalipto procedente de suas plantações próprias ou de parceiros do Programa Produtor Florestal (PPF). Utilizando somente o eucalipto, a Aracruz garante que nenhuma madeira proveniente de florestas nativas seja usada em suas operações. Através de cláusulas contratuais e do estreito relacionamento com os produtores rurais do PPF, a companhia monitora o cumprimento dos seus padrões ambientais e sociais. Segundo a própria empresa, sua atual estratégia de sustentabilidade se apóia nos ativos intangíveis (NUNES, 2007).

A Aracruz tem como política de atuação a busca contínua por relacionamentos consistentes com todas as partes interessadas em suas atividades. Ao longo dos anos, tem apresentado crescimento contínuo e esse resultado econômico está diretamente associado à percepção positiva que clientes, fornecedores, investidores, comunidades, representantes da sociedade civil e os próprios empregados têm sobre a Companhia. Os ativos intangíveis são justamente aqueles empiricamente percebidos, pelos diversos públicos, como os que geram – ou têm potencial de gerar – ganhos econômicos para a Companhia, fortalecendo a sua competitividade. Entre eles incluem-se a força da sua marca, a atratividade da empresa para alianças estratégicas, o nível de qualificação e de motivação do pessoal e os processos de uso exclusivo. Desde 2004, a Aracruz vem reforçando a orientação de suas atividades para a sustentabilidade do empreendimento, o que pressupõe consistência e transparência nas esferas

administrativa, econômica, social e ambiental (NUNEZ, p.11, 2007).

Sua produção de celulose é destinada à fabricação de papeis de impressão e escrever, papeis sanitário e papéis especiais de alto valor agregado (NUNEZ, 2009).

Aracruz celulose é a única empresa do setor florestal que possui credibilidade nas bolsas de valores de Nova York , Dow Jones, Bovespa e Latibex . Por promover e desenvolver novas práticas em sustentabilidade corporativa no mundo.

As operações florestais alcançam os Estados do Espírito Santo, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, aproximadamente mais de 286 mil hectares de plantios renováveis de eucalipto, intercalados com cerca de 170 mil hectares de reservas nativas, que são fundamentais para assegurar o equilíbrio do ecossistema.

Segundo Nunez (2009) em setembro a empresa se fundiu com a VCP para formar a Fibria, empresa resultante da incorporação da Aracruz, tornando-se líder global no mercado de celulose e recadação estimada em R\$ 6 bilhões no período de 1 ano. A companhia possui uma capacidade produtiva superior a 6 milhões de toneladas de celulose e papel por ano podendo chegar a 6,7 milhões de toneladas quando concluídos os projetos de expansão de ambas as empresas tanto da empresa VCP quanto da empresa Fibria.

Tornando líder mundial na produção de celulose branqueada de eucalipto, com o menor custo do mundo (custo caixa de R\$ 443/t no 1S09, incluindo 50% da produção da Veracel).

De acordo com Andrade (2001) a empresa estimula o plantio de eucalipto pelo sistema terceirizado através do Programa Produtor Florestal, abrangendo 96 mil hectares contratados com mais de 3.900 mil produtores rurais no Espírito Santo (três fábricas de celulose, e um porto privativo especializado, o Portocel, através do qual exporta grande parte da sua produção), Minas Gerais (deverá ser instalado na cidade de Governador Valadares) e Rio Grande do Sul (operava uma fábrica com capacidade nominal de 430 mil toneladas anuais de celulose).

Na cidade de São Paulo-SP está localizado o seu escritório de administração que em contra ainda escritórios nos Estados Unidos (Miami),

Europa (Suíça), Ásia (Hong Kong) e Celulose Riograndense, parte do grupo chileno CMPC.

O compromisso da empresa Aracruz Celulose com o desenvolvimento sustentável orienta as práticas de manejo dos plantios de eucalipto e a preservação dos ecossistemas, práticas adotadas nas fábricas é objeto de processos contínuos e de aprimoramento. (ANDRADE, 2001)

Responsabilidade social da empresa reflete nos aspectos significativos dos programas de ações sociais, desenvolvido com as comunidades nas áreas de atuação da Companhia. (ANDRADE, 2001)

Como mostrado anteriormente à empresa Aracruz celulose nem tudo é perfeito existe uma grande pressão sobre as grandes empresas produtoras de eucalipto.(NUNEZ, 2009),

Pois elas são criticadas tanto no âmbito social, criando poucos empregos e ser um obstáculo na geração no processo de reforma agrária devido às grandes áreas de plantio. E no caráter ambiental de organizações não governamentais e ambientalistas (NUNEZ, 2009).

No site oficial da empresa Aracruz Celulose se defende no âmbito social, promove a total valorização de seus empregados em um ambiente de trabalho seguro, saudável e motivador, não tolerando qualquer tipo de discriminação, oferecendo oportunidades que leve ao desenvolvimento profissional e pessoal, buscando constantemente a melhoria da qualidade de vida.

Outros pontos citados pela empresa na área social seria a de possuir programas de responsabilidade social que dissemina conhecimento e induz o desenvolvimento sustentável das comunidades estabelecendo parcerias, investindo em projetos e apoiando redes de relacionamento com o setor privado, entidades da sociedade civil e setor público (site: www.aracruz.esponde.com.br dia 15 de outubro de 2011).

As empresas que utilizam o eucalipto como matéria-prima, se defendem; pregando a idéia de que não fazem mal uso dos recursos naturais e na maioria

das vezes agem corretamente de forma que conservar, protege e recupera o ambiente (ANDRADE, 2001).

Alegando que as florestas plantadas são de extrema importância como alternativa ecológica para o nosso planeta e o nosso país, de forma que garanta a existência dos biomas remanescentes (ANDRADE, 2001).

O uso das florestas que atuam de forma no “seqüestro do carbono”, removendo gases do efeito estufa, contribuindo para mitigar o efeito do aquecimento global (NUNEZ, 2006).

Segundo Andrade (2001) a empresa Aracruz também defende a tese de que o eucalipto seca a água do solo e degrada o mesmo retirando os seus nutrientes. Essa questão sobre o secamento da água no solo a empresa afirma que a planta não resseca o solo já que:

O Projeto Microbacia foi criado em 1993 pela Aracruz Celulose para estudar o eucalipto e suas interações com as reservas nativas de Mata Atlântica e o meio ambiente, numa área de 286 hectares localizada em Aracruz, Espírito Santo. Nesta área, que reproduz os diversos ambientes florestais operados pela empresa, é realizado o monitoramento ambiental do ciclo completo de cultivo do eucalipto. (site: www.aracruzespnde.com.br dia 15 de outubro de 2011).

Ações contra empresa e processos internacionais por ativistas de movimentos sociais e ambientalistas de ocupar terras de povos indígenas (tupiniquins e Guaraní Mbyá) e quilombolas, localizados no estado do Espírito Santo (NUNEZ, 2006).

Criticada pela poluição das águas e do ar e por supostamente causar poluição devido a dioxinas, material cancerígeno gerado pela produção de celulose, afetando as condições de sobrevivência de grupos tradicionais, como indígenas e quilombolas (MEIRELLES, 2006).

Posteriormente, a série de escândalos corporativos que abalaram a confiança de investidores, consumidores e acionistas, refletiu negativamente no desempenho financeiro

das grandes companhias. A influência da opinião pública sobre a imagem da companhia ganha uma nova dimensão e as empresas compreendem que o custo financeiro de reduzir seu passivo ambiental e administrar conflitos sociais pode ser mais alto do que o custo de realizar seus negócios de maneira socialmente responsável. É neste contexto que passam a considerar nos processos decisórios os interesses dos seus diversos públicos, entre eles, as comunidades locais e as ONGs (NUNEZ p. 3, 2007).

As grandes extensões de terras ocupadas pela empresa nos diversos estados brasileiros estariam colaborando com o êxodo rural e inchaço das favelas (ANDRADE, 2001).

A Aracruz recebe incentivos fiscais dos governos e é acusada de gerar muito menos empregos que as atividades rurais convencionais, que deixam de existir após instaladas as monoculturas extensivas de árvores exóticas, chamadas desertos verdes. O crescimento rápido das espécies plantadas é acusado de exaurir os recursos hídricos e naturais do solo (HENDGES, 2005).

A empresa Aracruz Celulose escolheu a plantação de eucalipto, pois ela oferece diversas vantagens em comparação a outras espécies florestais utilizadas no para o mundo da produção de celulose, nativas ou planta (ANDRADE, 2001).

No Brasil por ter um clima altamente favorável devido as sua 2 estações bem definidas. Para o avanço alcançado tecnológico florestal e no desenvolvimento de novas pesquisas, a empresa Aracruz acelerou o processo do eucalipto podendo ser colhido em apenas sete anos para a produção de celulose, quando atinge 35m de altura (HENDGES, 2005).

O eucalipto da Aracruz tem o dobro da produtividade das espécies coníferas plantado em todo o território brasileiro e da maioria das árvores nativas, o que garante à empresa um importante fator de competitividade (ANDRADE, 2001).

Devido a esta alta produtividade, a necessidade de áreas cultivadas da Aracruz para a produção de celulose reduziu-se bastante. As árvores bastante versáteis e com inúmeras aplicações industriais (NUNEZ, 2006).

Espécies são utilizadas para a produção de celulose; de outras, são extraídos óleos essenciais com os quais são fabricados produtos de limpeza, alimentícios, perfumes e remédios (ANDRADE, 2001).

As madeiras tradicionalmente colhidas são produzidas; tábuas, sarrafos, lambris, ripas, vigas e postes, entre outros. Mas a Aracruz, conhecendo o potencial do eucalipto, iniciou a produção de itens mais nobres, a partir de uma subsidiária, a Aracruz Produtos de Madeira, desenvolvendo a logo marca Lyptus® (MEIRELLES, 2006).

3. IMPACTOS AMBIENTAIS E O DESERTO VERDE

Uma pratica que causa impactos ao meio ambiente que se não for totalmente avaliada e planejada pode ocorre danos e lesões ambientais irreversíveis, analise nos impactos ambiental, cultural, social e econômico. Tendo o objetivo de equilibrar o meio ambiente na economia e não a economia ao meio ambiente.

Buscando a origem e o tipo de espécie, de como ela chegou, sendo que a planta eucalipto e de origem australiana do continente oceânico e chegou ate aqui no continente americano e tem uma forte influência no território brasileiro. A busca para essa descoberta foi principalmente o seu valor econômico no sec. XX (HENDGES, 2005).

As lesões e os danos causados ao meio ambiente são: desertificação, ressecamento do solo, diminuição da biodiversidade, especialista da atividade produtiva, transformação da paisagem, concentração das terras um obstáculo para reforma agrária, há não geração de emprego e de baixo índice demográfico (ANDRADE, 2001).

Segundo Pereira (2006) a reação de problemas gerados devido à exploração do eucalipto em grandes áreas são as indicadas abaixo:

Desertificação do clima e de solo: com as grandes florestas de eucalipto que necessitam de uma enorme quantidade de água, cada pé de eucalipto necessita, para o seu desenvolvimento satisfatoriamente, levando-se o seu rendimento econômico, de aproximadamente 30 litros de H²O por dia, o que

acaba desencadeando um grande déficit hídrico em regiões cultivadoras, gerando assim desertificação da região. Problema que já existem em muitas plantações, que é realizado às beiras de córregos e nascentes de rios, o que acaba por ressecar o solo.

A exposição do solo e à erosão produzindo o ressecamento do solo: a produção de eucalipto visando-se unicamente a parte econômica, deixando o empobrecimento do solo, expondo o solo e facilitando a sua erosão, causando assim os impactos ambientais. Gastando enormes quantias de dinheiro para a recuperação do solo (PEREIRA, 2006).

Segundo Perreira (2006), o déficit da biodiversidade: o cultivo das florestas de eucalipto, priorizando somente um retorno econômico. Deixando assim outras espécies de vegetais de lado, impedindo que gramíneos e pequenos arbustos cresçam e se desenvolvam. (QUADRO: impactos da monocultura do eucalipto. Disponível em Acesso em: 27 de outubro de 2008.);

Transformação da paisagem de vastas áreas com enorme e grande quantidade de vegetação passando para área de plantação de eucalipto atingindo os ecossistemas, deixando de ter características peculiares. Como um exemplo de estudo de caso, temos um artigo elaborado por, no qual o autor cita algumas críticas relacionadas à implantação da monocultura do eucalipto da região Sul do estado do Rio Grande do Sul. Desenvolvendo assim problemas ambientais, sociais e econômicos. (Impactos da monocultura do eucalipto PEREIRA, p. 11-12 2006).

É mais um obstáculo à reforma agrária devido a grande concentração de terra e renda na mão dos grandes produtores, há não geração de emprego o vazio populacional (Andrade, 2001).

O plantio de culturas anuais em consórcio, com o eucalipto, apregoado pelas empresas, só é possível nos dois primeiros anos, pois nos anos subsequentes a competição por luz, água e nutrientes, inviabiliza as culturas anuais, e finalmente (NUNEZ, 2006).

Os investimentos nas grandes fábricas de celulose estão desvinculados da matriz produtiva já existente, instalada na região. Essas críticas são

defendidas pelos trabalhadores da região sul do estado do Rio Grande do Sul, contando inclusive com o apoio de membros das bancadas na Assembléia Legislativa do estado (PEREIRA, 2006).

O eucalipto é uma planta originária principalmente da Austrália e do continente da Oceania, embora algumas raras espécies sejam de ilhas como Nova Guiné e Timor, além das Ilhas Molucas. (Sua implantação em outras áreas se deu somente no século XIX, começando pela Europa, passando pelos Estados Unidos e finalmente chegando ao Brasil por meio do Sr. Frederico de Albuquerque, no ano de 1968, no estado do Rio Grande do Sul). Um dos maiores propagadores da espécie pelo país foi A. Pereira da Fonseca, realizando grandes plantações no estado do Rio de Janeiro, com variadas espécies do gênero eucalyptus (ANDRADE, 2001).

A planta começou a ser amplamente utilizada depois da descoberta de seu valor econômico, e hoje é utilizada como principal fonte de alimentação da indústria da celulose no Brasil, o que acaba por ocasionar grandes discussões e até mesmo conflitos entre proprietários de terras plantadas com o eucalipto e a grande massa de militantes sem-terra. Uma das grandes vantagens do eucalipto e sua rápida difusão, é o fato de a planta ser capaz de se adaptar aos mais diversos tipos de climas, desde locais quentes e secos, como os deserto australianos, à climas muito úmidos e frios, como na Escócia (PEREIRA, 2006).

O termo deserto verde vem ganhando um grande destaque na mídia, tanto no âmbito nacional quanto no internacional, devido à grande repercussão que tem causado os atritos que envolvem esse termo. Mas o que afinal define “deserto verde” (ANDRADE, 2001).

A expressão **deserto verde** é utilizada pelos ambientalistas para designar a monocultura de árvores em grandes extensões de terra para a produção de celulose, devido aos efeitos que esta monocultura causa ao meio ambiente. As árvores mais utilizadas para este cultivo são sobre tudo o eucalipto, pinus e acácia (MEIRELLES, 2006).

Grande parte desta discussão se deve ao fato de as terras utilizadas para o cultivo de monoculturas em larga escala, não atingirem um grande contingente de mão-de-obra humana, já que grandes partes destas propriedades são altamente mecanizadas, e quando há o emprego de mão-de-obra esta não é devidamente remunerada. Outro fator que tem importância

nessa discussão é o fato dessas culturas serem capazes de absorver enormes quantidades de água, podendo até mesmo ressecar rios e outras fontes hídricas existentes no entorno dessas grandes plantações. Como exemplo disso pode ser citado o estado do Espírito Santo, que segundo Daniela Meirelles Dias de Carvalho, geógrafa e técnica da Fase, organização não-governamental que atua na área sócio-ambiental, só no norte do Espírito Santo já secaram mais de 130 córregos depois que o eucalipto foi introduzido na região.

O problema é relativamente recente na história brasileira, levando-se em conta que a espécie *Eucalyptus* não é nativa de nosso país, e tem sido trazida em grande escala para o Brasil com o intuito de ser uma rentável e enorme fonte de recursos, provindos especialmente da exportação da celulose, já que os principais fins para o eucalipto são a indústria moveleira, a indústria de celulose a utilização como carvão vegetal e também como lenha (MEIRELLES, 2006).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou estabelecer uma relação entre a dimensão econômico institucional das estratégias sócio-ambientais da Aracruz Celulose S.A. e sua influência sobre o seu desempenho econômico e a nova ordenação no território Brasileiro no séc. XXI.

Com objetivo geral de formar, a partir dos anos 90 muito, as empresas deram início ao processo de formação de estratégias corporativas de natureza sócio ambiental, visando obter um diferencial competitivo a partir do aumento do poder de barganha, ao mesmo tempo em que possibilitava a prevenção de possíveis contestações.

Desse modo, a gestão da legitimidade, na forma da incorporação das demandas sócio-ambientais pelos agentes econômicos, passou a ser fundamental no processo de formação de tais estratégias. Observou-se que a dimensão político-institucional das estratégias sócio ambiental corporativas pode ser compreendida como soluções negociadas.

A Aracruz parece ter percebido que tanto o espaço econômico quanto o institucional e suas vantagens competitivas para a empresa. A partir do reconhecimento de que as estratégias de eco-eficiência mostram-se necessárias, porém insuficientes para dar conta da gestão das polêmicas em torno da questão florestal, foi necessário um novo enfoque sobre as demandas dos conseqüentemente, sobre o processo de formação de políticas sócio-ambientais, exatamente o que a empresa vem construindo desde o fim da década de 90.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANDRADE, E. N. DE; VECCHI, O. Os eucaliptos: sua cultura e exploração. Rio de Janeiro 2001.

ANDRADE J. C. S. Conflito, cooperação e convenções: análise das estratégias sócio-ambientais para a gestão sustentável das plantações de eucalipto da Aracruz Celulose S.A. *Revista Organizações & Sociedade*. Salvador, v. 8, 2001.

ARACRUZ Celulose S.A. Aracruz Celulose S.A. *Relatório Anual de Sustentabilidade*. Rio de Janeiro, 1993.

----- . *Relatório Anual de Sustentabilidade*. Rio de Janeiro, 1995.

----- . *Relatório Social e Ambiental*. São Paulo, 2002.

----- . *Relatório Anual de Sustentabilidade*. São Paulo, 2005.

WWW.aracruzespnde.com.br 15 DE OUTUBRO DE 2011.

CADERNOS IHU em formação a monocultura do Eucalipto: deserto Disfarça de Verde, Ed. Universidade do Vale do Rio dos Sinos 1995.

HENDGES, Agência Brasil de fato. Quadro: Impactos da monocultura de Eucalipto. Gestão Ambiental artigo de Antonio Silvio Hendges 2005.

Fonseca, M.G.D. e Zeidan, R. Diagnóstico sobre a Indústria de Papel e Celulose no Brasil. Relatório de pesquisa apresentado ao Ministério da Indústria e Comércio. Estudos Sobre Competitividade Nas Cadeias Integradas. UNICAMP. 2002.

Furquim de Azevedo, P. *Integração vertical e barganha*. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo, SP. 1996.

MEIRELLES, D.; CALAZANS M. H2O para celulose x água para todas as línguas .FASE 2006.

NUNES Paula Mota Santiago. ESTRATÉGIAS DE RELACIONAMENTO COM STAKEHOLDERS E SEUS IMPACTOS SOBRE OS CUSTOS DE TRANSAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DA ARACRUZ CELULOSE. Rio de Janeiro 2007.

PEREIRA Carina Ceruti: O DISCURSO AMBIENTAL COMO “MARKETING VERDE”: UM PASSEIO PELO O QUE É LIDO E VISTO NAS MÍDIAS. Santa Maria RS- 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA MARIA – CENTRO DE CIÊNCIA RURAL –
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS. Silvicultura aplicada e Eucalyptus
(Myrtaceae). Plant Systematics 2005.